



[ARTIGO]

**LITERATURA INDÍGENA:**  
possibilidades em sala de aula

Rosivaldo dos Santos Ramos | IFMS

**RESUMO**

O presente artigo propõe uma reflexão referente às possibilidades da introdução da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa do Primeiro ano do Ensino Médio. A leitura de obras de autores indígenas pode contribuir para a desconstrução de preconceitos arraigados na sociedade nacional, como a visão dos indígenas ágrafos, selvagens e bárbaros. A escrita indígena apresenta um mundo novo, repleto de nova configuração de saber, viver e pensar. Para essa difícil tarefa apresentaremos algumas sugestões metodológicas como o uso do livro de Daniel Munduruku “Como surgiu: mitos indígenas brasileiros”, a narrativa apresenta os mitos de criação da mandioca, milho e do fogo. Uma obra de fácil leitura e histórias encantadoras. Ao introduzir obras escritas por indígenas o professor promove a interculturalidade, estimula o respeito ao Outro e valoriza a cultura e o diálogo. Desse modo estamos contribuindo para aprimorar o processo de aprendizagem dos nossos alunos, passando pelo letramento literário, que só faz sentido quando resulta na transformação do educando em um protagonista do saber, ou seja, “implica negociar, reformar, construir, transformar e transmitir o repertório que recebemos de nossa comunidade como literário” (COSSON, 2015, p. 183.)

Palavras-chave: Literatura Indígena. Lei 11.645/2008. Interculturalidade. Autores Indígenas. Metodologia.

**INDIGENOUS LITERATURE:**  
possibilities in the classroom

**ABSTRACT**

This article proposes a reflection regarding the possibilities of introducing indigenous literature in Portuguese language classes in the first year of high school. Reading works by indigenous authors can contribute to the deconstruction of prejudices ingrained in national society, such as the vision of unsophisticated, savage and barbarian indigenous people. Indigenous writing presents a new world, full of new configurations of knowledge, living and



[ARTIGO]

---

thinking. For this difficult task, we will present some methodological suggestions such as the use of Daniel Munduruku's book "How it came about: Brazilian indigenous myths", the narrative presents the myths of the creation of cassava, corn and fire. An easy-to-read work and charming stories. By introducing works written by indigenous peoples, the teacher promotes interculturality, encourages respect for the Other and values culture and dialogue. In this way, we are helping to improve the learning process of our students, going through literary literacy, which only makes sense when it results in the transformation of the student into a protagonist of knowledge, that is, "it involves negotiating, reforming, building, transforming and transmitting the repertoire that we receive from our community as literary" (COSSON, 2015, p. 183.)

Keywords: Indigenous Literature. Law 11.645/2008.

**LITERATURA INDÍGENA:**  
posibilidades en el aula

**ABSTRACTO**

Este artículo propone una reflexión sobre las posibilidades de introducir la literatura indígena en las clases de lengua portuguesa en el primer año de secundaria. La lectura de obras de autores indígenas puede contribuir a la deconstrucción de prejuicios arraigados en la sociedad nacional, como la visión de pueblos indígenas poco sofisticados, salvajes y bárbaros. La escritura indígena presenta un mundo nuevo, lleno de nuevas configuraciones de conocimiento, vida y pensamiento. Para esta difícil tarea, presentaremos algunas sugerencias metodológicas como el uso del libro de Daniel Munduruku "Cómo surgió: mitos indígenas brasileños", la narrativa presenta los mitos de la creación de la yuca, el maíz y el fuego. Una obra de fácil lectura e historias encantadoras. Al presentar obras escritas por pueblos indígenas, el docente promueve la interculturalidad, fomenta el respeto al Otro y valora la cultura y el diálogo. De esta manera, estamos ayudando a mejorar el proceso de aprendizaje de nuestros alumnos, pasando por la alfabetización literaria, que solo tiene sentido cuando se traduce en la transformación del alumno en protagonista del conocimiento, es decir, "implica negociar, reformar," construyendo, transformando y transmitiendo el repertorio que recibimos de nuestra comunidad como literario" (COSSON, 2015, p. 183.)

Palabras clave: Literatura indígena. Ley 11.645/2008. Interculturalidad. Autores Indígenas.

---

## INTRODUÇÃO

A literatura é um instrumento vital na formação escolar de adolescentes e crianças na educação básica, porque exerce diversas funções no espaço da sala de aula, desde letramento inicial até corroborar para reconhecer a diversidade cultural, social, política, religiosa e econômica de uma sociedade. E em um país como o Brasil que possui uma população composta por diversas etnias, a literatura pode ser o mecanismo de desconstrução de preconceitos e discriminação, resultado da colonialidade dominante em nosso sistema escolar.

O presente artigo propõe fazer uma reflexão referente às possibilidades da leitura de indígenas em sala de aula. É importante destacar que o advento da lei nº 11.645/08 que tornou obrigatório o estudo da história e cultura dos povos indígenas, prevê que este conteúdo deve ser ministrado especialmente nas áreas de educação artística, literatura e história.

O artigo adotou a metodologia de revisão bibliográfica, e divide-se em três seções: na primeira seção abordamos a Lei nº 11.645/08 na perspectiva de entendimento de rompimento do pensamento colonial, na segunda parte apresentamos o protagonismo indígena na literatura, a visão da literatura dos escritores indígenas, o uso desta como uma arma de resistência. O conceito de literatura como ritmo, música, e cantos de força da natureza. Uma literatura que pulsa entre os indígenas mesmo antes do domínio da escrita por estas etnias. Na última parte elencamos algumas estratégias metodológicas para introduzir a literatura indígena nas aulas do 1º ano do ensino médio, tendo como referência a obra literária de Daniel Munduruku com seu livro “Como Surgiu: Mitos indígenas brasileiros.

---

## **1. LEI Nº 11.645/08 – ENFOQUE NO PENSAMENTO CENTRADO NO EUROCENTRISMO, COLONIALISMO, PRECONCEITO**

O ano de 2008 marca um importante passo no percurso das relações interraciais no Brasil, com a promulgação da lei 11.645/08<sup>1</sup> que torna obrigatório o ensino da história e da cultura indígena nas escolas da educação básica, públicas e privadas do país.

Essa lei surgiu do intenso ativismo dos povos indígenas, que reivindicavam a abertura da educação para que suas vozes fossem ouvidas no ambiente escolar, um estímulo importante na história do Brasil pois, vivem em nosso território mais de 305 etnias indígenas, e somam em torno 274 línguas faladas<sup>2</sup>. Sendo inegável a contribuição destes povos para a construção de uma sociedade mais democrática e plural.

Nesse sentido a literatura indígena representa uma ruptura com os paradigmas e influências do pensamento do colonizador, em que prevalece o modelo de agir e pensar colonial, transmitidos aos professores e estudantes valores e crenças europeias, que menosprezam os povos indígenas na sua diversidade, pluralidade linguística, seus saberes, costumes, religiosidade e sua espiritualidade. Conforme Orlandi:

Em nosso imaginário, não nos identificamos ao índio, mas também não reivindicamos o português como igual. Somos uma mistura, mas uma mistura indefinida. É que haverá uma grande margem de silêncio – produzida pelo dominador e empunhada pelo dominado, é com esse discurso que tem de lidar, às vezes incorporando-o, outras explodindo-o pela radicalização dos efeitos: sendo mais europeu do que o europeu. (ORLANDI, 1990, p.55).

Apesar da lei nº 11.645/08 representar um avanço no reconhecimento da cultura indígena, o ensino da sua história e cultura ainda é difícil e levado aos estudantes de forma descontextualizada, vinculando a figura do indígena “a noção de um índio genérico,

---

<sup>1</sup> que trata da obrigatoriedade da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar.

<sup>2</sup> <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo>

[ARTIGO]

---

ignorando a diversidade cultural que sempre existiu entre essas sociedades” (FUNARI & PIÑÓN, 2011, p. 98).

A leitura de autores indígenas pode contribuir para a descolonização do currículo escolar, em qual existe o predomínio da visão eurocêntrica do conhecimento, contribuindo para desmistificar essa herança cultural que está inserida nos currículos escolares. “Outro fator que dificulta o trabalho com esse tema é que há, por parte de alguns professores, um desconhecimento sobre a cultura indígena” (ALMEIDA, 2010, p. 05).

Segundo a escritora Graça Graúna <sup>3</sup>a literatura indígena sempre esteve presente entre nós:

A literatura indígena pulsa. A sua força atravessa fronteira, negar a existência da literatura indígena ou imprimir-lhe o rótulo de orature (como quer a visão eurocêntrica) são formas de preconceito literário. E mais: isso significa banalizar os direitos literários, a história de resistência e luta dos diferentes povos indígenas de que tratam (em parte) os Direitos Humanos (GRAÚNA, 2013, p. 56).

Portanto, ao introduzir a literatura indígena em sala de aula, o professor promove o contato com saberes milenares, há muito tempo subjugado pelos europeus.

Conforme Candido explica “Negar a fruição da Literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. (CANDIDO, 1988, p. 186).

Partindo do pressuposto que temos que romper com essa tríade eurocentrismo-colonialismo-racismo por parte do colonizador, que trazemos a inserção da literatura indígena para o contexto da sala de aula, que teve uma visibilidade maior com a lei nº

---

<sup>3</sup> Indígena Potiguara, Graça Graúna (Maria das Graças Ferreira), é uma escritora brasileira, nascida em São José do Campestre. Formou-se em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, onde também fez seu mestrado sobre mitos indígenas na literatura infantil e o doutorado sobre literatura indígena contemporânea no Brasil.

[ARTIGO]

---

11.645/08, pois ao ler textos marginalizados, apagados pelo preconceito descortinamos um outro mundo, repleto de novas formas de compreensão da vida. Portanto não se restringindo a mudanças no currículo, estamos fazendo mudança nas estruturas de pensamento social. Segundo MIGNOLO (2005).

O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera. (MIGNOLO, 2005, p. 162)

É nesse nuance de esquecimento e apagamento da cultura do colonizado, que foram esquecidos no currículo nacional os conhecimentos indígenas e seu estudo mais superficial, ficando a margem em qual as etnias indígenas foram tratadas como sendo inferiores, agrafos, selvagens, canibais, e nesse contexto que o escritor Tiago Hakiy<sup>4</sup> elenca que:

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira. (DORRICO.<sup>5</sup>2019, p.18).

Assim sendo, a literatura produzida pelos indígenas pode ser um importante mecanismo para romper com o domínio do pensamento colonial no currículo escolar. Pois o contato com essa literatura representa um universo de conhecimento. E conforme afirma

---

<sup>4</sup> Tiago Hakiy é poeta, escritor e contador de histórias tradicionais indígenas. É membro do Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn). Em 2012 foi vencedor do Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. Pertence ao povo Sateré Mawé

<sup>5</sup> Julie Dorrico é pesquisadora e curadora de literatura indígena, descendente do povo Macuxi e doutoranda em teoria da literatura da PUC-RS.

[ARTIGO]

---

Munduruku<sup>6</sup> a literatura produzida por indígenas “engloba muito mais que o texto escrito, ela abrange diversas manifestações culturais, como a dança, o canto, o grafismo, as preces e as narrativas tradicionais”. (MUNDURUKU, 2017, p. 86), isso só enfatiza a diversidade cultural dos povos indígenas, diferentemente da nossa literatura que é escrita, a indígena é a soma de todos os seus conhecimentos, como dança, canto, enfim tudo que roda o seu ambiente natural.

## 2. LITERATURA INDÍGENA E AUTORIA INDÍGENA

A literatura indígena nacional tem os seus acordes iniciais e seu desenvolvimento nos anos 90, então portanto estamos falando de uma arte nova, esse fenômeno de aparição e visibilidade da literatura indígena se deu por duras batalhas dos movimentos ativistas e de uma militância das minorias que se lastram pelo nosso país, e acabam sendo marginalizadas, ficando à beira do abismo, segundo Jaider Esbell<sup>7</sup>, 2019:

desta proposta está junto o aceite de que em nosso caso as letras são apenas metade e que a literatura indígena contemporânea no Brasil beira as periferias, sucumbindo viva com seus detentores, os ainda habitantes combalidos nativos que se esvaem com as florestas sem tempo hábil para transcender. (ESBELL, 2019, p.25).

Essa visibilidade da literatura indígena se faz necessário, pois os povos indígenas buscam na escrita uma voz que não cala e roga por justiça, essa aceitação da escrita foi a alternativa que os indígenas tiveram para que seus costumes e contos não caíssem no esquecimento, assim poderá ser passada de geração em geração.

---

<sup>6</sup> Daniel Munduruku é um escritor e professor brasileiro. Pertence à etnia indígena Munduruku.

<sup>7</sup> Artista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi.

[ARTIGO]

---

Para o escritor Olívio Jekupé<sup>8</sup>, o autor indígena deve usar as letras como uma arma, “Por isso eu vejo a escrita como uma grande arma e nós indígenas devemos usar essa arma do branco em nosso favor” (JECUPÉ, 2009, p. 19).

Os autores indígenas escrevem pelos seus antepassados, pela sua história de vida, suas frustrações, seus anseios, por fim querem ser os protagonistas de sua história. Essa lacuna de conhecimento que os autores indígenas estão suprimindo com determinação e coragem, pois sua escrita ao longo dos anos foi sendo negligenciada e acabando ficando marginalizada. Nesse aspecto Graça Graúna afirma:

Os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato. Mas, a pesar da intromissão de valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência. (GRAÚNA, 2013, p.15).

Assim, a partir da publicação de obras indígenas, esses povos podem expor e se expor que estão aqui e são parte integrante da nossa sociedade, podendo com a sua escrita escrever sobre temas como: terra, vida, saúde, floresta, religião, costumes, e inserir a sua cultura e seu povo para conhecimento de todos os brasileiros. MUNDURUKU enfatiza que:

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. (MUNDURUKU, 2019, p. 81).

Deste modo conhecer a literatura indígena faz-se necessário em um país como o Brasil, o contato com outros textos e autores no ambiente escolar enriquecem o arcabouço

---

<sup>8</sup> Olívio Jekupé é escritor indígena do povo Guarani. Nasceu no Paraná, mas mora atualmente na aldeia Krukutu, em São Paulo. Jekupé, em guarani, significa “mestiço”. Olívio estudou Filosofia na USP, e embora não tenha concluído o curso, sentiu-se estimulado a escrever e a participar de palestras no Brasil e no exterior.



cultural de nossos estudantes. Essa opção por obras produzidas por negros, indígenas, mulheres, abre espaços par a construção da interculturalidade. Conforme Vera Candau 2008:

O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. Para isto é necessário promover processos sistemáticos de interação com os outros, sem caricaturas, nem estereótipos. Trata-se também de favorecer que nos situemos como “outros”, os diferentes, sendo capazes de analisar nossos sentimentos e impressões. É a partir daí, conquistando um verdadeiro reconhecimento mútuo, que seremos capazes de construir algo juntos/as. Nesta perspectiva, é necessário ultrapassar uma visão romântica do diálogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que supõe. (CANDAU, 2008, p. 56)

Essa aceitação da cultura do colonizado é o fato de nós estarmos aceitando o outro, como uma troca, que essa via seja de mão dupla, por isso é necessário esse contato com a diversidade, e o que Candau enfatiza é que sejamos abertos ao novo, é fazer um dialogo entre culturas, respeitando sempre a visão do outro, sem estereótipos ou caricaturas. Logo a literatura indígena sempre esteve presente, desde sempre, pois está pautada na oralidade e na ancestralidade.

### 3. LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA, MITOS E METODOLOGIAS

A literatura indígena teve como um de seus precursores o escritor e divulgador da causa indígena Daniel Munduruku “que é provavelmente o escritor indígena mais conhecido no Brasil devido a seu investimento na difusão das culturas ameríndias; além do romance Todas as coisas são pequenas, ele é autor de inúmeros títulos classificados como literatura juvenil.” (DORRICO, 2019, p.148)

Daniel Munduruku surgiu para romper barreiras e traçar uma nova trajetória de sucesso, do povo indígena Munduruku, escritor e professor paraense. Já escreveu mais de 50 livros por diversas editoras do Brasil, sua obra está na maioria centrada na literatura infanto-juvenil. É Graduado em Filosofia, História e Psicologia. Mestrado e Doutorado em Educação

[ARTIGO]

---

pela USP de São Paulo e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Recebeu inúmeros prêmios no Brasil e no exterior, com destaque para os prêmios Jabuti, Prêmio Érico Vanucci Mendes, Prêmio Madanjeet Singh, Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural, em 2018.

Munduruku em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) lançou dois concursos literários: Tamoios, que procura novos escritores e se destina exclusivamente aos sujeitos e povos indígenas; e o Curumim, que busca promover o ensino das culturas indígenas nas salas de aula, voltado para professores da educação básica residentes no Brasil.

Diante da notoriedade da obra riquíssima de Daniel Munduruku que iniciaremos a traçar mecanismos metodológicos para sugerir o conhecimento e contato com essa literatura, de início sugerimos o uso da literatura indígena em sala de aula, e Daniel Munduruku enfatiza que:

Embora haja muito avanço a partir da sanção da lei, os professores ainda não têm muita informação e quase sempre repetem o que aprenderam quando eram estudantes, pois são vítimas de um sistema que sempre excluiu os povos indígenas. Nosso objetivo é que a cultura indígena saia do aspecto comemorativo e tenha um viés mais pedagógico e a literatura indígena é uma ferramenta importante neste processo de construção da identidade brasileira. (MUNDURUKU, 2018, p.55).

Partindo da afirmativa do Munduruku, vamos aproveitar o próprio texto do autor para inserir a literatura em sala de aula, e assim selecionamos os alunos do 1º ano do ensino médio, da educação básica, na disciplina de Língua Portuguesa.

Enfatizo que trabalhar a questão indígena em sala de aula não é fácil, pois trata de um tema muito abrangente e complexo, o que irei fazer será uma sugestão de como abordar a temática indígena no nosso cotiado escolar.

A obra escolhida para abordar a temática indígena foi o livro “Como Surgiu: Mitos Indígenas Brasileiros”, nessa obra o escritor faz um apanhado de narrativas cheias de

[ARTIGO]

---

fantasia, sabedoria e surpresas. Junto das narrativas segue explicações acerca dos povos indígenas no qual os mitos são representados. “É interessante trabalhar a literatura indígena na escola porque ela promove o conhecimento da diversidade, da cidadania, ajudando a compreender o diferente, o outro”. (JANICE THIÉL, 2017).

No livro citado o autor traz três contos de mitos indígenas brasileiros e como surgiram, de acordo com a visão de cada povo indígena, e assim vai nos narrando como surgiu o milho; a mandioca e por fim como surgiu o fogo. As três narrativas são apresentadas de uma forma muito simples e de fácil leitura.

Quando falamos de mitos indígenas, certamente iremos tratar de narrativas que ficam mais na oralidade, e que ao longo dos anos vão sendo passados de geração em geração, e seria como uma forma de os povos indígenas manterem as suas tradições, e não caindo no esquecimento. Mircea Eliade (2010), mitólogo, apresenta o seguinte conceito:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros tempos, o mito narra como, graças à façanha dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 2010, p. 74).

Assim, cada povo quando retrata um mito, está reproduzindo a sua historicidade e ancestralidade, essa narrativa é a história do seu povo e sua identidade, que será passado em gerações, e assim uma cultura de um povo é transmitida através dos seus mitos, com isso os povos indígenas vão mantendo esses mitos como se fosse um arquivo vivo. O mito consola a todos nós muitas vezes. Pode nos enganar também. Mas, o importante é que saibamos seus poderes, que saibamos com ele jogar. Seja o jogo de sentir e se emocionar, seja o jogo de interpretar e pensar o mito. Ele, certamente, pensa a todos nós. (ROCHA, 1991, p.16).



[ARTIGO]

---

Após a análise da obra de Munduruku elencaremos algumas sugestões para o uso deste livro em sala de aula, sabemos da dificuldade e do desafio que é trabalhar literatura indígena em sala, mas temos que incentivar o aluno a ter novas experiências, o contato com a temática indígena é muito amplo e complexo e vamos aos poucos levando essa cultura para a escola. De início podemos trabalhar os gêneros textuais, e suas classificações e colocações. Após essa fase da tipologia textual faremos questionamentos sobre o que foi exposto no livro que nos traz como surgiram os mitos na visão dos povos indígenas, nesse primeiro momento vamos elencar as diferenças que o mito tem para indígenas e não indígenas.

A narrativa é excelente para trabalhar questões relativas à cultura indígena, na obra a sugestão seria desenvolver uma aula que tenha como foco principal a oralidade dos povos indígenas que é evidenciada muito e só acrescentaria mais conhecimento para os alunos. Este livro contém uma série de notas informativas sobre a cultura e a situação atual dos povos indígenas.

Outra abordagem em sala de aula seria criar uma atividade a partir da leitura da obra, e a partir do conhecimento dos mitos expostos no livro, pedir aos alunos que possam usar da imaginação e criarem lendas e mitos que possam explicar o surgimento de algo que faça parte do seu mundo. Na parte da gramática, podemos trabalhar com a diversidade das línguas indígenas, a narrativa é rica em seu vocabulário, o que nos oferece uma infinidade de variedades linguísticas apresentadas ao longo do texto. Uma sugestão para a turma é criar uma atividade que possa compreender as classes gramaticais encontradas ao longo do texto e classificar as mesmas.

Outra alternativa para trabalhar a obra, seria propor fazer uma análise e levantar questionamentos sobre a influência dos idiomas nativos em nosso dia a dia, principalmente os de origem tupi e guarani e que fazem parte da formação da língua portuguesa, assim podemos trabalhar a formação de palavras.

[ARTIGO]

---

Com essa atividade veremos que a influência da língua nativa faz parte do nosso cotidiano e portando fez parte da formação do português falado no Brasil.

Outras possibilidades de trabalhar o livro é a roda de leitura, fazer a dramatização dos mitos em forma de teatro pelos alunos, pesquisar receitas culinárias com o alimento básico milho e mandioca, citados no livro. Deste modo com essas sugestões didáticas podemos inserir o texto indígena em sala de aula.

Contudo, compreendemos as adversidades para a introdução da literatura indígena em sala de aula da educação básica, tendo como principal obstáculo a forte presença da colonialidade nos currículos escolares e no processo de formação do docente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de autores indígenas nas aulas, os professores corroboram para a descolonização do currículo escolar e do pensamento dos seus estudantes. Que poderão desta forma aprender sobre a diversidade de etnias presentes no Brasil.

Ao elencar as possibilidades metodológicas de uso da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa do 1º ano do ensino médio, nosso objetivo é a construção da interculturalidade, a aceitação da cultura do outro, a construção de um dialogo entre culturas diferentes. O romper com a colonialidade hierárquica e classifica os povos indígenas como inferiores, selvagens e ágrafos.

A literatura dos mitos indígenas nas aulas como sugerimos apresenta uma pluralidade de alternativas metodológicas, como atividades gramaticais, como a formação de palavras, gêneros textuais, dramatização e a criação de texto com temas mitológicos.

Deste modo, mais do que propor estratégias metodológicas para o uso da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa, apresentamos uma alternativa de reconhecer a riqueza étnico racial de nossa sociedade. Ao ler uma obra indígena significa mais que decifrar códigos, representa abrir os olhos para saberes de povos tradicionais, com um

[ARTIGO]

---

arcabouço de conhecimento produzidos ao longo de séculos, reconhecer o valor da literatura indígena significa o desvendar um mundo novo no campo da literatura brasileira.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. Regina Celestino de. Quando é preciso ser índio: identidade étnica como força política nas aldeias do Rio de Janeiro. In: REIS, Daniel A. et al. (Org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- CANAU, Vera Maria. Educação intercultural no contexto brasileiro: questões e desafios. In: *Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003*, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- CANAU, Vera Maria; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas / Antônio Flávio Moreira*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011
- DORRICO, Julie. *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. 2018.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, RS: Editora Educação & Realidade, Porto Alegre
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ESBELL, Jaider. Jaider Esbell. *Organização de Kaká Werá*. Coordenação de Sergio Cohn e de Idjahure Kadiwel. Rio de Janeiro, 2018.
- FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo, 2011.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- HAKYI, Thiago. "Literatura indígena -a voz da ancestralidade". In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando [Orgs.]. *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- JEKUPÉ, Olívio. *Literatura escrita pelos povos indígenas*. São Paulo: Scortecci, 2009.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

[ARTIGO]

---

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo movimento indígena brasileiro (1970- 1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**: um guia de pesquisa. São Paulo: Callis Ed., 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **O Sumiço da Noite**. São Paulo: Editora Caramelo, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez/ Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

ROCHA, Everardo, O que é mito. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

THIEL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, 2013.